

Estar presente em uma relação romântica não está restrito somente ao vínculo com uma única pessoa. É, também, a liberdade em se apaixonar e administrar desejos individuais, respeitando o outro e priorizando o diálogo. No Dia dos Namorados, a Revista conta história de paixões que transcendem o convencional

POR EDUARDO FERNANDES E IANDARA PIMENTEL

“**C**onsideramos justa toda forma de amor.” A célebre frase do cantor Lulu Santos é, praticamente, um hino da diversidade, atemporal e querido por muitas pessoas. Uma letra que fala não somente sobre as inúmeras formas de se relacionar ou de estar apaixonado, mas, também, da importância de ser livre ao lado dessa paixão. A liberdade, claro, é algo desejado por aqueles que fazem parte de um vínculo amoroso. Mais que isso, a crença em saber que não existe apenas uma maneira de se ter sentimentos por alguém.

De acordo com o antropólogo Matheus Viana, especialista em afeto, a monogamia e a não monogamia nada têm a ver com a evolução ou a involução pessoal de um ser humano. Muito pelo contrário, ela apenas representa formas diferentes de se envolver amorosamente com outro indivíduo. Em experiências de poliâmore, os praticantes costumam ver o afeto e o amor como base de todas suas relações sociais, buscando vencer uma hierarquia de sentimentos que diferencia a forma como amigos, família, ficantes e namorados são tratados.

“Nesse sentido, uma das grandes diferenças é esse ato de ser necessário se relacionar somente com uma pessoa amorosamente para que se considere aquilo um relacionamento válido e de sucesso. Sendo assim, a prática não monogâmica enxerga que é possível amar e se apaixonar por mais de uma pessoa e manter essas relações como manteria somente uma, mas que isso não é uma necessidade e, sim, a liberdade de se poder fazê-lo”, destaca.

A ideia é justamente vencer esse pensamento de posse que existe sobre o outro. Abrir possibilidades para que as pessoas envolvidas dentro desse ecossistema afetivo estejam e sejam livres para criar vínculos com quem elas quiserem, no

Violeta tem um relacionamento aberto com Eduardo

# Entre acordos e amores

Arquivo pessoal

entendimento de que não cabe ao amor prender alguém em uma relação sem deixar que seus desejos e sentimentos não possam ser colocados em prática. Nesse caso, a monogamia também pode se apresentar mais liberal e aberta, mas sempre voltada ao casal central do relacionamento, conforme explica o antropólogo.

Há um acordo inicial e a obrigatoriedade a ser cumprida com seu parceiro ou parceira principal, hierarquizando as outras relações como menos importantes. “De forma geral, a não monogamia e monogamia se distinguem nesse ponto primordial: a liberdade de poder se apaixonar e amar quem quiser sem quebrar outros vínculos com alguém.” Afetos que não se resumem somente ao sexual, embora haja a liberdade para que seja assim caso queiram. Mas, também, na experiência de partilhar sentimentos e desenvolver uma rede de apoio.

## Diálogo e compreensão

No Dia dos Namorados, Eduardo Motta, 20 anos, e Violeta Andrade, 24, fazem um ano de relacionamento não monogâmico. Até aqui, a conversa tem sido a base para os dois, pois acreditam que a comunicação e o entendimento para com o outro são a chave para manter um vínculo amoroso, em especial no que diz respeito às vontades e aos desejos individuais de ambos dentro da relação.

“Às vezes, lidar com as regras é meio complicado por termos crescido sendo socializados com a ideia de monogamia dentro dos relacionamentos. Às vezes, sentimos ciúmes, achando que somos deixados de lado pelo nosso parceiro. Mas sempre conversamos muito, o diálogo é o mais importante dentro de um relacionamento não monogâmico”, enfatiza Eduardo. Para ele, administrar a ideia de um namoro aberto pode ser difícil, uma vez que terceiros têm dificuldades em respeitá-los.